

NOSSOS MESTRES

Minervino Júnior/CB/D.A.Press

Mago dos números

O professor da UnB Ricardo Fragelli inspira colegas de profissão e estudantes no Brasil e no mundo com metodologias inovadoras e muita criatividade



» MARIANA NIEDERAUER

Ricardo Fragelli, 47 anos, tem um jeito próprio de ‘fantasticalizar’ o ensino. Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologias em Engenharia da Universidade de Brasília (FCTE/UnB) e da pós-graduação em design na mesma instituição, ele dedica a carreira, desde as primeiras aulas particulares, a devolver aos estudantes os porquês que lhes foram roubados ao longo da trajetória escolar.

É dessa maneira filosófica que o goiano de Anápolis radicado em Brasília com o objetivo de viver um grande amor define sua meta profissional. Alcançá-la — e com uma escala que atinge estudantes na casa dos milhares pelo país e pelo

mundo — levou tempo, estudo e muita criatividade.

Fragelli formou-se em engenharia mecânica na UnB no ano de 2000. A escolha da universidade foi simples: era a mais próxima de Goiás, onde morava a namorada do ensino médio. A distância curta não impediria a continuidade do relacionamento, nem o sonho profissional. Hoje, a fisioterapeuta e também professora da UnB Thais é sua companheira de vida, com quem tem Luísa, Alice e Vanessa. É parceira ainda no trabalho, compartilhando diversos projetos na área da educação.

Bem antes disso, porém, ele já havia decidido que se tornaria engenheiro. Estava na quarta série do ensino fundamental quando percebeu a habilidade para os cálculos numa discussão com a

professora de matemática. Em determinado momento, a docente não conseguiu mais responder aos questionamentos do inquieto menino. Ela se chamava Darcy, e foi apenas durante esta entrevista que Fragelli percebeu a coincidência — ou o toque do destino — de ter se sagrado na carreira justamente na universidade criada pelo ícone da educação brasileira e xará de sua ex-professora.

“A matemática foi muito muito natural para mim. Eu tirei 10 em todas as provas do ensino médio sem nunca ter estudado para uma prova. Eu estudava simplesmente a matemática, ia para a biblioteca e ficava lendo. Li todos os livros de matemática. E o meu objetivo nunca foi tirar a maior nota da sala: meu objetivo era só acertar todas as questões. Era como um videogame para mim”, relata.

Hora de ensinar

A trajetória como professor começou já no segundo semestre da graduação na UnB. Fragelli morava na Casa do Estudante (CEU) e precisava trabalhar para se manter na capital federal. Começou, então, a dar aulas particulares para estudantes da educação básica que tinham algo em comum: detestavam matemática. Diante desse desafio, ele usava uma tática ainda mais inovadora e praticamente ignorava o conteúdo que havia sido contratado para ensinar.

“O meu objetivo era despertar o interesse pela ciência. Lembra aquilo que te falei, de resgatar os porquês que lhes foram roubados?”, indaga. Questões de lógica e outros conteúdos mais divertidos da matemática acabavam se tornando o

foco das aulas particulares.

“E aí o que acontecia: a menina que sempre tirava 4, tirava 4 de novo, porque ela não estudou nada da prova. Só que os pais não me demitiam, queriam mais aulas, e eu ficava. De repente, a pessoa tirava 10, e 10 de novo. Depois, sabe qual nota ela tirava? Também não sei, porque eu era demitido, não precisava mais da aula particular”, brinca ao lembrar. “Eu tinha um certo talento para perceber o que estimulava as pessoas ou não.”

Pouco depois de se formar, em 2002, foi aprovado no concurso para professor substituto e assumiu o desafio de ensinar jovens quase da idade dele. Diante de um auditório repleto de calouros, no Instituto Central de Ciências (ICC), o famoso Minhocão, prédio mais tradicional